

# A Base da Justificação

José Aristides dos Santos Filho

No capítulo anterior abordamos a necessidade da justificação. Observamos que havia uma lei que regia a relação entre Deus e o homem. Esta lei foi quebrada pelo homem. Com isto a santidade de Deus foi ferida. E esta santidade coloca em ação a santidade de Deus.

Ao considerarmos a seriedade deste ato do homem, o seu pecado, vimos que isto faz do homem um devedor. O homem deve a Deus. Se deseja ser perdoado deve acertar as suas contas com Ele. Mas, o homem é incapaz de fazê-lo. Incapaz porque ao pecar caiu da posição em que fora criado por Deus, com potencialidade para não pecar. Agora o homem não pode deixar de pecar. Ao pecar assumiu uma natureza pecaminosa, tendente ao pecado, tendente ao mal (depravação total).

Deus não pode simplesmente “fazer vista grossa” ao pecado. A Sua santidade exige que ele puna o pecado. Há que se haver uma paga, uma satisfação, uma recompensa pelo pecado.

Desta maneira o homem agora depara-se com dois problemas seríssimos para que possa ser justificado: “além de ter de cumprir a exigência da Lei que não foi cumprida (aquela obediência exigida de Adão), o homem tem que ser penalizado para que haja satisfação ou quitação da falta cometida”.<sup>50</sup>

Quem poderia cumprir a Lei e ser penalizado para trazer satisfação? Tinha que ser um homem sem pecado, puro! Quem seria o escolhido para realizar tamanha obra? Adão? Naturalmente que não! Ele já havia pecado e não poderia mais cumpri-la perfeitamente. Se ele no seu estado original não conseguiu cumpri-la, muito menos o conseguiria agora maculado pelo pecado! Quem seria então? Não há outro homem que possa cumprir a lei e receber a penalidade porque em Adão todos os homens pecaram, é o argumento bíblico (Is 59; Rm 3 e 5).

Só um homem poderia fazer isto! Só um homem que fosse Deus e homem ao mesmo tempo poderia fazer isto. E, aqui vamos entender o propósito da encarnação do Filho de Deus, da Segunda Pessoa da Trindade. A incapacidade do homem levou Deus a agir em seu favor. Deus elege um novo representante para a raça humana; Alguém com quem Ele fará um novo

---

<sup>50</sup> Bezerril. *A Dispensação do Pacto*, 16.

pacto: o da Graça. É o plano de Deus para salvar o homem. A Confissão de Fé de Westminster declara a este respeito:

Tendo-se o homem tornado, pela sua queda incapaz de ter vida por meio deste pacto [o das obras], o Senhor dignou-se a fazer um segundo pacto, geralmente chamado o pacto da graça; neste pacto da graça ele livremente oferece aos pecadores a vida e a salvação através de Jesus Cristo, exigindo deles a fé, para que sejam salvos, e prometendo o Seu Santo Espírito a todos os que estão ordenados para a vida, a fim de dispô-los e habilitá-los a crer.<sup>51</sup>

Só Cristo é quem preenche os requisitos de Deus. Só Ele estava habilitado a cumprir cabalmente a Lei de Deus e receber a penalidade pelos pecados, ou seja trazer satisfação à Deus.

Cristo obedeceu à Lei de Deus e entregou-se à morte, não como uma dívida porque era sem pecado, e portanto, sem nenhuma obrigação de morrer, mas espontaneamente.

Aquilo que o homem estava incapacitado para fazer por causa do pecado, o Deus-homem o fez. A Segunda Pessoa da Trindade encarnou-se para nos trazer a salvação. E, mais uma vez encaramos a seriedade do pecado ao analisarmos que Deus teve que entregar Seu próprio Filho para reparar o dano do pecado. Mas, “por mais sério que fosse o pecado humano, a vida do Deus-homem era tão boa, tão exaltada e tão preciosa que o seu oferecimento na morte pesa mais que o número e a grandeza de todos os pecados, e a reparação devida foi feita à honra ofendida de Deus”.<sup>52</sup>

Assim, devemos analisar com mais detalhes a base da nossa justificação que é a justiça perfeita de Cristo. E, podemos analisar isto em dois aspectos para uma melhor compreensão: a Obediência Ativa (Cristo cumprindo perfeitamente a Lei de Deus durante a Sua vida) e a Obediência Passiva (Cristo levando a penalidade do pecado pelo Seu sacrifício perfeito na Sua morte).

Façamos uma análise destes pontos então, para descobrirmos como Cristo assumiu o nosso lugar para que fôssemos declarados justos, baseados nos Seus méritos.

### **3.1 – A Obediência Ativa de Cristo**

Como já nos referimos acima, a obediência ativa de Cristo refere-se ao cumprimento da Lei em nosso lugar.

---

<sup>51</sup> *Confissão de Fé de Westminster*. Sobre o Pacto, parágrafo III, 43.

<sup>52</sup> Stott. *A Cruz de Cristo*, 108.

O homem, como já dissemos também, está incapacitado de cumprir a Lei, mas para que seja justificado ele deve cumpri-la. E, Cristo, o Senhor, vem exatamente cumprir a lei no lugar do homem. Para cumpri-la deve ser alguém sem pecado como o era (e é) o nosso Mestre.

A obra de Cristo neste aspecto consistia em cumprir toda a justiça a fim de merecer as recompensas da aliança não apenas para Ele mesmo, mas também para aqueles a quem Ele representava. Paulo coloca isto, manifestando que Cristo, era um segundo representante da humanidade, assim como Adão foi o primeiro. Adão colocou toda a humanidade num estado de pecadores, Cristo pela Sua obra colocou os eleitos na condição de justificados. Paulo expressa as suas idéias quanto a isto em Romanos 8. 12. 19:

Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei. Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir.

Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos. O dom, entretanto, não é como no caso em que somente um pecou; porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação; mas a graça transcorre de muitas ofensas, para a justificação. Se ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que receberam a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. *Pois assim, como por uma só ofensa, veio o júzo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens, para a justificação que dá vida. Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos.*

Paulo expressa que ao violar a aliança, Adão foi punido e juntamente com ele toda a humanidade, ao passo que Cristo trouxe salvação.

R C Sproul, comenta este texto dizendo que “aqui Paulo contrasta a derrota de Adão com a vitória de Cristo, o novo Adão. Os dois, Adão e Jesus, serviram como representantes de alianças universais”.<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> R C Sproul. *A Glória de Cristo*. 1 ed. (São Paulo: Cultura Cristã, 1997), 65.

A diferença é que Cristo, ao contrário de Adão, cumpriu aquilo que lhe foi proposto, não somente fazendo expiação (assunto que trataremos mais tarde), mas cumprindo toda a Lei.

“A obra de Cristo envolveu mais do que oferecer uma expiação para pagar pelos pecados do Seu povo. Ele também teve que cumprir toda a justiça a fim de merecer as recompensas da aliança para Si mesmo e para aqueles a quem representou. Para Cristo ser nosso Salvador Ele não só teve de morrer por nossos pecados, como teve também de viver uma vida de obediência para que pudesse ser nossa justiça”.<sup>54</sup>

É interessante notar que o texto acima citado nos mostra Cristo cumprindo a Lei com perfeição como homem: um segundo Adão. Por que? Porque Ele estava agindo em favor dos homens, por isso, a necessidade da encarnação.

Podemos observar alguns textos em que Cristo estava sujeito à Lei de Deus, e cumpriu perfeitamente toda ela para resgatar os que estavam debaixo dela. O texto de Gálatas 4. 4 e 5 diz isto: “Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos”.

É óbvio que o texto refere-se à obediência de Cristo à lei para nos livrar. Calvino diz que literalmente a frase “nascido sob a lei” é melhor traduzida como “feito sujeito à lei”. Ele escreve ainda no seu comentário: “Cristo, o Filho de Deus, que por direito era isento de toda e qualquer sujeição, fez-se sujeito à lei. Um homem livre redimiu um escravo, ao constituir-se fiador; Cristo decidiu tornar-se obrigado a cumprir a lei para poder obter isenção para nós...”.<sup>55</sup>

Dito isto, nos perguntamos: como podemos caracterizar esta obediência à lei na vida do Salvador? Podemos caracterizá-la de algumas maneiras, tais como se nos apresentam os textos bíblicos.

Começemos com o texto de Lc 2. 21: “completados oito dias para ser circuncidado o menino, deram-lhe o nome de Jesus...” A circuncisão conforme podemos ver em Gn 17. 10 e 12a – “esta é a aliança que guardarei entre mim e vós e a tua descendência; todo macho vos será circuncidado... O que tem oito dias será circuncidado entre vós”- era um sinal da aliança de Deus com Abraão, e, também, uma ordem expressa na lei de Moisés, conforme vemos em Lv 12. 1-8 – “Disse o Senhor a Moisés: Fala aos filhos de Israel: Se uma mulher conceber e tiver um menino, será imunda sete dias, como nos dias de sua menstruação será imunda. E,

<sup>54</sup> *Ibid.*, 65.

<sup>55</sup> João Calvino. *Gálatas*. Pg. 123.

no oitavo, dia, se circundará ao menino a carne do seu prepúcio...”. O texto de Lucas acima citado mostra que este rito da lei fora cumprido na vida do Senhor Jesus.

Aquele que não fosse circuncidado seria cortado do povo. O circuncidado faria parte do povo. A circuncisão, então, fazia parte da obediência de Cristo à lei. R C Sproul coloca que

Quando Cristo é apresentado por seus pais para a circuncisão, vemos Sua submissão à Lei da aliança... Jesus assim se torna herdeiro da aliança de Israel... Nesse momento ele passa a assumir seu papel de novo Adão, autor de uma humanidade glorificada. É ele que é destinado a cumprir a Lei em todos os seus detalhes e ganhar as bênçãos da aliança para Seu povo. Justamente onde nós falhamos e nos tornamos infratores da aliança, merecendo a maldição que ela impõe, Jesus é o nosso campeão, é bem sucedido em seu papel de novo Adão, o Supremo Guardador da aliança.<sup>56</sup>

A seguir o texto de Lucas 2. 27 mostra que os pais levaram Jesus ao templo “para fazerem com ele o que a lei ordenava”.

Outro fato interessante nesta caminhada é a frase do próprio Senhor Deus por ocasião do Seu batismo. O batismo era um rito de purificação, um banho purificador. João Batista, por ocasião do batismo de Jesus, conclamava ao povo para que se preparasse para se encontrar com o seu Messias. Entretanto, quando o Cordeiro de Deus finalmente aparece, apresenta-se para ser batizado. O texto de Mateus diz que “ele (João Batista), porém o dissuadia, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti e tu vens a mim” (3. 14). João parece ter ficado espantado com a idéia de que aquele que não tinha pecado e que tinha vindo justamente para tirar o pecado do povo, estava submetendo-se a um rito de purificação. Aquilo não cabia na teologia de João Batista. Mas, apesar de não ter pecado algum “Jesus lhe respondeu: Deixa por enquanto, porque assim, nos convém cumprir toda a justiça...” (3. 15).

O batismo de Jesus, tal como Ele mesmo esclarece, era para que se cumprisse toda justiça, ou seja, fazer tudo que Deus exige. Isto fazia parte da Sua missão: cumprir todos os detalhes da lei. Jesus tomou sobre si mesmo a obrigação que Deus impusera à nação judaica. Cabia-lhe a responsabilidade de cumprir todo requisito que Deus exigia de Israel. Nada poderia faltar, nem um jota nem um til. Absolutamente tudo tinha de ser cumprido.

O batismo de Jesus trazia em si não somente o sinal de Sua identificação com um povo pecaminoso, mas também assinalou a Sua consagração, a Sua unção pela missão que o Pai tinha dado a Ele. Seu batismo selou a Sua condenação à morte, levando-o a voltar Seu rosto na direção

---

<sup>56</sup> *Ibid.*, 27-28.

de Jerusalém. Em ocasião posterior, Jesus falou aos Seus discípulos dizendo: Podeis vós... receber o batismo com que eu sou batizado? (Mc 10. 38). Jesus foi batizado a fim de morrer. Ele foi nomeado para ser o cordeiro a ser sacrificado, e por ocasião de Sua ordenação, os céus se abriram e Deus falou audivelmente dizendo: ‘Este é meu Filho amado, em quem me comprazo.’”<sup>57</sup>

A frase vinda do céu, por ocasião do batismo de Jesus, mostra que Deus havia aceito a obediência de Cristo, ou em outras palavras, as palavras do próprio texto, tinha prazer nele.

Logo depois do batismo Jesus é levado ao deserto para ser tentado por Satanás (Mt 4). À semelhança de Adão, Cristo também é tentado como representante dos homens. Aqui cremos que onde Adão falhou Jesus venceu. Adão falhou em confiar em Deus ao passo que Cristo nem sequer titubeou. Jesus como homem tinha a possibilidade de pecar. Mas esta natureza está em união com a divina que não pode ser vencida pelo pecado. Aqui, naturalmente, estamos falando da doutrina da impecabilidade de Cristo, doutrina que o Apóstolo Paulo fala muito bem dizendo que ele veio ao mundo “*em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado*”. Paulo diz, apenas em semelhança, nada além disso. E, Paulo refere-se ainda a Cristo como “aquele que não conheceu pecado” (2 Co 5. 21). Em certa ocasião o próprio Cristo perguntou: “Quem dentre vós me convence de pecado?” (Jo 8. 46).

Cristo mesmo fala da sua missão de cumprir tudo o que Deus exige. Ele disse: “Não vim revogar a Lei, vim cumpri-la” (Mt 5. 17); em Jo 8. 29 Ele declara: “Aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque eu faço sempre o que lhe agrada”; e ainda em Jo 15. 10 Ele diz: “Se guardardes os meus mandamentos permanecéis no meu amor; assim como *eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai* e no seu amor permaneço”.

Um outro fato significativo é o de quando o Senhor está diante de Pilatos e este o interroga. Depois do interrogatório Pilatos conclui: “Eu não acho nele crime algum”. Ele não encontrou em Cristo defeito algum; nada de que pudesse acusá-lo. A frase daquele homem atestava a obediência perfeita de Cristo. É como nos diz o texto de Hebreus “...Ele foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (4. 15b).

Ele viveu a vida que o primeiro Adão, lá no Paraíso, deveria viver. Cristo viveu sem transgredir qualquer preceito da lei de Deus, vivendo, portanto, sem pecado. Como representante do Seu povo, sendo o Segundo Adão, Cristo foi obediente mesmo quando tentado por Satanás e pelos homens. Viveu desta maneira para livrar o seu povo.

---

<sup>57</sup> R C Sproul. *Discípulos Hoje*. 1 ed. (São Paulo: Cultura Cristã, 1998), 55 e 56.

E isto é importante para nossa compreensão total da base da nossa justificação. Esta inocência completa de Jesus tem implicações diretas na questão da Cruz. Para que o sacrifício que Cristo faria na Cruz do Calvário fosse aceito, Ele teria que está sem pecado como Ele era por natureza. “Jesus ser inteiramente sem pecado foi o que o qualificou a ser o nosso Salvador. Para pagar a penalidade prescrita na lei não bastaria a morte de um homem. Tinha que ser um homem completamente sem pecado... Sua vida de obediência completa foi um pré-requisito para Seu sacrifício perfeito”.<sup>58</sup>

Isto resolve a questão do cumprimento da Lei que Adão não cumpriu. Mas, ainda continua pesando sobre nós a ofensa de Adão como nosso representante – portanto, nossa também – fez a Deus; ainda pesa sobre nós a ira de Deus que precisa ser apaziguada; ainda estamos escravizados pelo pecado e alienado de Deus. Neste ponto nos voltamos para o sacrifício de Cristo, a Sua obediência passiva.

### **3.2 – A Obediência Passiva de Cristo**

Considerada a questão da obediência de Cristo às exigências da lei devemos voltar os nossos olhos para o sacrifício de Cristo, para a entrega da Sua vida na cruz em substituição aos Seus escolhidos. Se na obediência ativa ele cumpre todas as exigências da lei, na passiva ele sofre todas as penalidades dela.

Mais uma vez emerge à nossa mente tudo o que Deus fez por nós sem qualquer merecimento da nossa parte. E, comparando aquilo que o homem fez a Deus com o que Deus fez pelo homem, o nosso coração deve irromper de alegria, louvor e adoração na presença do Senhor. O pecado do homem é o homem substituindo a si mesmo por Deus, tomando o Seu lugar; a salvação é Deus (em Cristo) colocando-se no lugar do homem. O homem coloca-se contra Deus e tenta colocar-se onde Deus merece estar; ao passo que Deus sacrifica-se a Si mesmo pelo homem e coloca-se onde o homem merece estar; é Deus aceitando as penalidades destinadas ao homem.

Devemos, então, com alegria, mas também com reverência e santo temor analisar esta faceta da obediência de Cristo, a chamada obediência passiva. O termo obediência passiva não quer dizer que Cristo foi “passivo” no sentido de ter sido como uma vítima involuntária de um obediência que foi arbitrariamente imposta sobre Ele. Esta obediência refere-se a Jesus como aquele que recebeu todas as penalidades da lei por causa da transgressão do Seu povo.

---

<sup>58</sup> Sproul. *A glória de Cristo*, 142.

A obediência passiva refere-se, portanto, aos sofrimentos de Cristo, à Sua morte judicial (sofrendo as penalidades da lei) na cruz do Calvário.

Primeiro, devemos analisar que este fato é tido por Cristo como algo certo e necessário. O texto de Mt 16. 21-23, por exemplo, nos mostra Cristo preparando os Seus discípulos para o que estava para vir. “Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia”. E, quando Pedro tentou dissuadi-lo do Seu caminho, o Senhor responde duramente a Ele dizendo: “Arreda Satanás!... porque não cogitas das coisas de Deus e sim das do homem” (vs. 23).

Cristo fala também da Sua morte em Mt 20. 28. Neste ponto Ele diz que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos”. Outros textos onde isto é expresso são Jo 12. 23; 17. 1; Lc 9. 51; 13. 33.

O profícuo escritor J. I. Packer analisa esta certeza de Cristo especificamente no Evangelho de Marcos. Ele chega a conclusão de que qualquer pessoa que analisar este livro

...sua impressão será de Alguém cuja missão estava centralizada na Sua morte – Alguém que estava consciente e decididamente se preparando para morrer desse modo muito antes que a idéia de um Messias sofredor surgisse na mente de qualquer outra pessoa. Pelo menos quatro vezes depois de Pedro haver declarado que Ele era o Cristo em Cesaréia de Filipo, Jesus predisse que seria morto e ressuscitado embora Seus discípulos não pudessem entender o sentido de Suas palavras (8. 31; cf V. 34; 9.9; 9. 31; 10. 33 e seg.). Outras vezes Ele falou sobre Sua morte como uma coisa realmente certa (12. 8; 14. 18 e Seg.), um fato predito nas Escrituras (14. 21, 49), e que conquistaria para muitos um novo e importante relacionamento com Deus. “O Filho do homem veio... para dar a Sua vida em resgate por muitos (10. 45). ‘Isto é o meu sangue, o sangue da Nova Aliança derramado em favor de muitos (14. 24)’”.<sup>59</sup>

Havia em Cristo, tal como vemos nos textos citados, a consciência de que deveria receber na cruz a condenação de Deus aos pecados dos homens. Ele haveria de receber o que os homens deveriam ter recebido. Tal como o próprio Cristo diz, a Sua morte não foi um acidente, não foi uma morte de mártir, foi antes uma morte absolutamente necessária.

O que esta morte significa precisamente? O que Cristo tinha em mente quando resolutamente falava dela como algo certo e necessário? Quais os efeitos desta morte?

---

<sup>59</sup> J. I. Packer. *O Conhecimento de Deus*. 6 ed. (São Paulo: Mundo Cristão, 2000), 175-176.



No Velho Testamento constatamos que o próprio Deus havia instituído sacrifícios pelos pecados dos homens. Havia sacrifícios associados à diversas coisas no Velho Testamento, mas nos preocuparemos em falar dos sacrifícios destinados a expiação pela culpa e pelo pecado do povo. Este tipo de sacrifício consistia em substituição. Alguém era sacrificado em lugar de outro. O animal – no caso do Antigo Testamento – era sacrificado e o sangue era aspergido sobre o altar porque “sem derramamento de sangue não há remissão de pecados”.

O capítulo primeiro de Levítico mostra que aquele que se apresentava para fazer o sacrifício devia trazer um animal do seu rebanho para lhe servir como substituto (vs 2. 3); depois colocaria sobre o animal a Sua mão, simbolicamente, “em favor dele”, numa transferência de culpa e pecado (v. 4); o animal seria morto (v. 5). A morte do animal era, sem dúvida em substituição do pecador. Quem deveria morrer era o pecador, mas o seu pecado fora transferido para o animal, por isso o animal era morto; então, depois da imolação o sangue era aspergido “ao redor sobre o altar” (v. 6).

O sacerdote servia como mediador . Ele “devia declarar o adorador ‘coberto’. Ele não mais deveria considerar-se exposto à ira de Iahweh sobre o pecado e a culpa. Iahweh aceitaria o substituto; Ele estava aplacado; Sua ira contra o pecado fora apaziguada. O adorador pecaminoso era agora um adorador purificado. A paz fora restaurada entre Iahweh e o adorador; a reconciliação era completa”.<sup>60</sup>

Um outro texto interessante sobre os sacrifícios é o de Levítico 17. 11: “Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto, é o sangue que fará expiação em virtude da vida”. Esta passagem nos mostra que o derramamento de sangue era indispensável para a expiação dos pecados. O sangue é o símbolo da vida. Uma vida era sacrificada no lugar da outra. O sangue era derramando em favor de outra vida.

Van Groningen, Dr. em Velho Testamento fala da importância desta passagem para a compreensão da expiação nos tempos antigos. Ele expõe:

Que o sangue do sacrifício tinha um papel importante está claro na afirmação de Deus de que a vida da carne está no sangue, e portanto, o sangue com vida dentro de si mesmo seria efetivo para expiação e perdão (Lv 17. 10, 11). Esta importante passagem faz uma afirmação muito profunda: vida tem de ser substituída por vida; quando o adorador hebreu tivesse sua vida

---

<sup>60</sup> Gerard Van Groningen. *Revelação Messiânica do Velho Testamento*. 1 ed. (Campinas: Luz para o Caminho, 1995), 213.

comprometida por causa do pecado, essa vida poderia ser restaurada, tornada limpa e íntegra somente por outra vida. A vida removia a morte e suas causas; a vida era um meio para a vida”.<sup>61</sup>

Os sacrifícios do Velho Testamento são sombras daquilo que estava para vir. Eles apontam para um sacrifício vindouro, eficaz. O escritor ao Hebreus diz que “é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecador” (10. 4). O sangue dos animais apontavam para o sacrifício que o Filho de Deus haveria de fazer. O Seu sangue derramado para remissão de pecados. “Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados...” (10. 12). O sacrifício dEle foi de uma vez por todas.

É desta forma, olhando por este prisma que vamos compreender porque João Batista quando avistou Jesus disse: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 3. 29). É o sacrifício deste Cordeiro que livra os eleitos da penalidade da lei; é Ele como nosso substituto que nos possibilita entrarmos numa relação de justos com Deus. E, o Seu sacrifício é de “uma vez por todas” (Hb 7. 24). Foi Ele quem carregou “em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas fomos sarados” (1 Pe 2. 24).

O próprio Cristo dramatizou a Sua morte como sacrifício quando da instituição da Santa Ceia (Mt 26. 26-29). Ele fala do pão e do vinho como sendo o Seu corpo e o Seu sangue dado em substituição aos Seus escolhidos. É interessante que Ele diz que o derramamento do Seu sangue estabelecia uma nova aliança (vs. 28). O Senhor certamente disse isto fazendo os Seus discípulos lembrarem-se do que disse o profeta Jeremias, no capítulo 31, versos 31 a 34 do seu livro:

Eis que vem dias, diz o Senhor, em que firmarei *nova aliança* com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito, porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o Senhor. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, cada um ao seu irmão dizendo: Conhece ao Senhor, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o Senhor. Pois perdoareis as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei.

Cristo estava dizendo que a *nova aliança* de que falara o profeta Jeremias, estava se cumprindo ali. O Seu sangue haveria de selar a aliança e livrar o Seu povo dos seus pecados.

---

<sup>61</sup> *Ibid.*, 213.

Assim, “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro” (Gl 3. 13).

O sacrifício de Cristo nos mostra que fomos livres da penalidade da lei, da ira de Deus e fomos reconciliados com Deus. Aquilo que devíamos a Deus foi pago. Podemos afirmar isto baseados nas imagens que os escritores nos coloca em mãos. O homem deveria morrer – Cristo morreu em sacrifício no seu lugar (já mostramos isto); a ira de Deus é apaziguada, isto é visto na propiciação; a nossa escravidão ao pecado é resolvida na Redenção; e, o nosso afastamento de Deus é resolvido pelo que os escritores do Novo Testamento chamam de reconciliação. Todas estas imagens estão ligadas ao sacrifício de Cristo. Analisemos cada uma:

### 3.2.1 – Propiciação

A palavra propiciação aparece em Rm 3. 25; Hb 2. 17; 1 Jo 2. 2 e 4. 10. Todas as referências referem-se ao fato de Jesus ter sido a nossa propiciação.

Propiciação pode ser descrita como o ato que anula a ira de Deus contra nós ocultando nossos pecados da sua vista. Isto é o que Paulo ensina no livro de Romanos quando ele diz que todos pecaram e que todos acumulam contra si mesmos ira para “o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus...” (2. 5). Paulo no capítulo cinco conclui que só podemos nos livrar da ira mediante o sangue de Jesus Cristo; só seremos justificados pelo Seu sangue. “Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira” (vs. 9).

A ira de Deus, a Sua santa indignação, que não poderia ter sido apaziguada pelos homens, foi apaziguada pelo sangue de Cristo. “É o próprio Deus que, em ira santa, necessita ser propiciado, o próprio Deus que, em amor, resolveu fazer a propiciação, e o próprio Deus que, na pessoa do Seu Filho, morreu pela propiciação dos pecados. Assim Deus tomou a Sua própria iniciativa amorosa de apaziguar a Sua própria ira justa levando-a em Seu próprio, no Seu próprio Filho ao tomar o nosso lugar e morrer por nós”.<sup>62</sup>

Fica-nos claro que a ira de Deus fora propiciada e o pecado do homem coberto. A ira de Deus não precisa mais ser temida, os homens estão cobertos da ira. O pecado requer uma punição por causa da ira e esta recaiu sobre Cristo.

---

<sup>62</sup> Stott. *A Cruz de Cristo*, 156.

### 3.2.2 – Redenção

Redenção “é o preço pago para resgatar algo que estava em penhor, o dinheiro pago para resgatar prisioneiros de guerra e o dinheiro pago para comprar a liberdade de um escravo”.<sup>63</sup>

O texto de Marcos 10. 45 fala a este respeito: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em *resgate* por muitos”. Cristo deu a Sua vida em resgate, Ele com a Sua morte pagou o preço; Cristo obteve a nossa libertação da escravidão do pecado, da morte e do diabo.

A mesma idéia de redenção vamos encontrar em Rm 3. 24; 1 Co 6. 20; 7. 22, 23; 1 Tm 2. 6; Ef 1. 7; 1 Pe 1. 18; Ap 5. 9; 14. 3, 4. Nestes últimos textos a idéia é a de assegurar a libertação através do pagamento de um preço, que está ligada diretamente ao derramamento do sangue de Cristo.

O texto de Hebreus 9. 12, 15 nos mostra particularmente claro que a Redenção envolve a libertação da culpa do pecado. “...Não por meio de sangue de bodes e de bezerras, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna *redenção*... Por isso mesmo ele é o Mediador da nova aliança a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sobre a primeira aliança, receberam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados”. O preço pago substitutivamente nos redime da penalidade da transgressão. O pecador é liberto do domínio do pecado.

Entretanto, o eleito não é somente liberto do poder do pecado, mas também dos efeitos poluentes do pecado. Fomos limpos, purificados de toda iniquidade (Tt 2. 14).

A redenção também nos livra do domínio de Satanás e do poder da morte. Paulo afirma que Cristo “cancelou o escrito da dívida que era contra nós e despojou os principados e potestades triunfando deles na cruz” (Cl 2. 13-15). “Ele nos libertou do império das trevas” (Cl 1. 13). Cristo rompeu as cadeias que amarram o pecador ao diabo.

Hebreus 2. 14-15 diz: “Visto, pois que os filhos têm participação comum da carne e sangue, destes também ele, igualmente participou, para que, por Sua morte destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda vida”.

Vemos aqui que a obra de Cristo além de destruir Satanás, destruiu também aquilo que estava sob o seu poder: a morte. O diabo tinha o poder da morte nas mãos, mas Cristo arrancou dele este poder. Por causa do poder da morte, os homens viviam temendo a morte,

<sup>63</sup> George Eldon Ladd. *Teologia do Novo Testamento*. 1 ed. (Rio de Janeiro: JUERP, 1985), 405.

sendo escravizados por este temor. Mas os homens por quem Cristo morreu, deixaram de ter medo da escravidão da morte, assim como a morte passou a não ter o efeito de penalidade. A morte para o cristão é agora a libertação dos sofrimentos desta vida. Não mais penalidade pelos pecados, porque quando Cristo morreu, Ele pagou a morte como pena em nosso lugar.

Esta idéia de resgate aparece claramente também no texto de Isaías 59. Todo o contexto fala da separação dos homens de Deus por causa do pecado; não havia quem pudesse tirá-los daquela situação visto que o texto diz que Deus “viu que não havia ajudador algum e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor” (vs. 16). O texto continua dizendo que, por causa disto – porque o homem não podia fazer nada em seu próprio favor – Deus mesmo “lhe trouxe a salvação e o seu próprio o susteve”.

No verso 20 Isaías fala acerca de um “Redentor que virá de Sião”. Interessantemente o termo hebraico usado é  $\lambda\upsilon\omicron\Gamma$  que pode ser traduzido também por Resgatador ou Redentor como está na Bíblia Atualizada. Esta palavra é usada no Velho Testamento com a idéia de “que o *goel* era o protetor, o parente mais próximo cujo dever era, em determinadas circunstâncias como, por exemplo, em situações de necessidade, agir como *remidor*”.<sup>64</sup>

O *goel* é apresentado em quatro situações diferentes, tais como passamos a descrevê-las.

Primeiro, em Levítico 25. 25-28: “Se teu empobrecer e vender alguma parte das suas possessões, então, virá o seu *resgatador (goel)*, seu parente, e resgatará o que seu irmão vendeu...”. Este texto nos fala da responsabilidade do resgatador; ele é responsável por evitar que a propriedade da família se perca.

Em Levítico 25. 47-49 a redenção não é de uma propriedade mas de uma pessoa.

Quando o estrangeiro ou peregrino que está contigo se tornar rico, e teu irmão junto dele empobrecer e vender-se ao estrangeiro, ou peregrino que está contigo, ou a alguém da família do estrangeiro, depois de haver-se vendido, haverá resgate para ele; um de seus irmãos poderá resgatá-lo: seu tio ou primo o resgatará; ou um dos seus, parente de sua família, o resgatará; ou se lograr meios, se resgatará a si mesmo.

O *goel* neste caso, liberta um membro da sua família, que acabara sendo vendido como escravo por conta de problemas financeiros.

Em Números 25. 16ss, vemos uma terceira situação da atuação do *goel*. Este texto

“discute um dos aspectos mais sérios da solidariedade familiar: o da vingança de sangue. O sangue de um parente assassinado devia ser vingado com a morte de quem o derramara, ou com

<sup>64</sup> David Atkinson. *A Mensagem de Rute*. 1 ed. (São Paulo: ABU, 1991), 94.

a morte de alguém de sua família... Ser o vingador de sangue era uma das mais solenes responsabilidades do *goel* na comunidade do deserto. Destaca de maneira notável a responsabilidade coletiva do grupo dos membros fracos e oprimidos”.<sup>65</sup>

Por último, o texto de Números 5. 8 nos traz a idéia do *goel* como aquele que recebe pagamento como reparação de erros cometidos contra um parente.

A figura do resgatador está intimamente relacionada com tirar da servidão, como Deus tirou o povo de Israel da servidão. O texto de Levítico 25. 38, que está no contexto de resgate, conclui dizendo: “Eu sou o SENHOR, que te tirei da terra do Egito, para vos dar a terra de Canaã e ser o vosso Deus...”.

Retomando o texto de Isaías 59, fica claro no texto que não havia como o povo voltar para Deus. O pecado do povo o deixou “pobres”, por assim dizer. Eles tinha de ser redimido. Cristo é este redimidor. O próprio Isaías diz no capítulo 53: “Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados; cada um se desvia pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós” (vs. 5-6). Ele pagou o preço para nos redimir; foi o nosso Resgatador; o nosso Redentor. Livrou-nos do pecado, do poder do diabo e do poder da morte. Ele pagou o preço requerido por Deus. É por isto que Paulo não só fala do sacrifício em termos da propiciação, mas também fala em termos da “redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3. 24-25).

### 3.2.3 – Reconciliação

Com a Sua morte Cristo também nos reconcilia com Deus. Cristo na Cruz também nos tira do estado de inimizade com Deus.

O homem por causa do pecado está alienado, afastado, inimigo de Deus. Cristo restaura este relacionamento. A própria idéia de reconciliação sugere alienação. A reconciliação é necessária, entre duas partes, quando ocorreu algo que causou o rompimento... O pecado alienou o homem de Deus. Ele quebrou o relacionamento e tornou-se uma barreira”.<sup>66</sup>

Reconciliação não é um termo usado na Bíblia no sentido de “encontrar paz consigo mesmo”, embora ele insista em que somente através da perda de nós mesmos em amor a Deus e ao próximo é que verdadeiramente nos encontramos.

<sup>65</sup> *Ibid.*, 95.

<sup>66</sup> Ladd. *Teologia do Novo Testamento*, 420.

Em 2 Co 5. 18-21 Paulo insiste que deve ser anunciado que Deus não tem nada contra os homens, que a inimizade já foi tirada e que Ele agora olha com favor para os homens por causa do sacrifício de Cristo.

Estas imagens que colocamos nos mostra que a perfeita justiça de Cristo satisfaz a todas as exigências de Deus. A Lei que fora quebrada por Adão fora cumprida perfeitamente por Cristo. A ira de Deus por causa do pecado foi apaziguada pelo sacrifício propiciatório. “A quem Deus propôs no Seu sangue como propiciação” (Rm 3. 25); Fomos redimidos pelo seu sangue: “no qual temos a redenção” (Rm 3. 24); e, saímos do nosso estado de alienação, de inimizade também pelo Seu sacrifício: “Porque nós quando inimigos fomos reconciliados com Deus, mediante a morte do Seu Filho” (Rm 5. 10).

Assim é como se nunca tivéssemos pecado e como se sempre tivesse guardado perfeitamente a lei de Deus.

Era absolutamente necessário que o Redentor fosse um membro da raça humana para poder exercer a tarefa da expiação de pecados. Se Cristo não pertencesse ao tronco da raça humana, ele não poderia fazer o papel de substituto dos homens. Somente o igual pode substituir o igual.

Esta perfeita justiça de Cristo é imputada aos eleitos. Isto significa que nos vestimos da justiça de Cristo. Podemos dizer que a nossa injustiça, os nossos pecados e sua penalidade recaiu sobre Cristo; e a Sua perfeita justiça recaiu sobre nós. Paulo diz: “Para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5. 21). Ou seja, Cristo foi feito pecado por nós. Embora, fosse sem pecado sofreu o que devíamos ter sofrido.

Dizer que Deus *imputa* esta justiça de Cristo aos crentes é dizer que Deus considera a justiça dEle como pertencente aos crentes. Romanos 4. 5 diz: “Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé é *atribuída* como justiça”. Não é nossa própria justiça, mas a justiça de Cristo que nos justifica.

Subentende-se então que recebemos esta justiça pela fé visto que somos justificados pela fé, mas deve ficar claro que a fé não é meritória porque ela também é dom de Deus (Ef. 2.8).

Se Ele foi feito pecado por nós como afirma Paulo, é mais do que óbvio afirmar que a justiça de Cristo é imputada àqueles por quem Ele morreu. Assim, podemos afirmar peremptoriamente que somos justificados, declarados justos diante de Deus “Agora, pois, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8. 1).